

Um burro, um velho e um menino

E' muito conhecida mas vamos repetir a história do burro, do velho e do menino que resolveram viajar.

Viam indo eles pela estrada, quando do primeiro estranho que encontraram ouviram o seguinte comentário:

— Que bobos esse velho e esse menino que em lugar de montarem o burro preferem engolir o pó da estrada...

Vai dizer o velho, para satisfa-

cer a opinião que ouvira, mandou que o menino montasse o burro e, continuaram até que mais à frente alguém registrou por sua vez:

— Que menino mal educado que em lugar de fazer com que o pobre velho descanse suas tropegas permaneça montando o burro, vai retorcendo em lugar deles...

Outra vez, a fim de contentar este comentário judicioso, manda

o velho que o menino aperte e monta o burro em lugar dele. E iam indo assim, quando ouviram um terceiro comentário de passageiros:

— Que velho malvado este que em lugar de aliviar a carga do burro, vai montado nela quando é muito mais pesado que o menino...

De novo o velho resolve desmontar do burro, continuando, então, a viagem a toda pressa e às escondidas, antes que para contentar novas opiniões tivesse que carregar o burro às costas...

Convenhamos que desta história se retira uma dupla moral:

1.º — É difícil contentar-se a opinião daqueles que apenas observam; 2.º — Só devemos agir em público, depois de um rigoroso exame de todas as consequências.

Esta história, apenas, com a primeira moral é lembrada sempre que se quer desfazer das possibilidades do regime democrático ou quando se quer alimentar a demagogia. Com a segunda moral, entretanto, podemos verificar que o respeito o

brigatório à opinião pública nos obrigará a agir mais conscientemente, garantindo melhor, portanto, as consequências dos nossos atos.

Que não se possa contentar a todos no governo, não resta dúvida, mas que se possa, pelo pre-exame dos atos governamentais, conquistar o acordo de uma grande maioria, dúvida também não há — é neste critério que se funda toda a vantagem e segurança do sistema democrático.

Achilles BALSINI

Não se confirmou a captura de agentes comunistas brasileiros na Bolívia

La Paz — Investigações realizadas pelo chefe de polícia boliviano não pôs um ponto final nas contraditórias informações de detenção dos comunistas brasileiros Agílio Barata, João Amazônas e José Maria Uispim que não estavam detidos, embora a polícia da Bolívia estivesse em seu encalço.

Tanto a Embaixada como a Embaixada do Brasil desmentiram as inúmeras versões de que o Brasil pediu a extração dos récidos comunistas brasileiros.

Entretanto, «La Razon» sustentava que nestes últimos tempos a província de Cochabamba tem sido de intensas atividades comunistas dirigidas pessoalmente por Carlos Prestes, Agílio Barata, João Amazônas, José Maria Uispim e Roberto Moreira ou Moreira.

Acrescenta a publicação, em notícia de Cochabamba que os comunistas planejaram um vasto plano de agitações no Chile, Brasil e Bolívia.

O sol é uma enorme bomba de hidrogênio no espaço e nós criaremos na terra a miniatura do sol

Baltimore — Certas substâncias radio-ativadas pela bomba de hidrogênio durariam "centenas de milhares de anos", tornando inabitável as cidades aéreas por essas bombas — declarou o sr. William Laurance, escritor de assuntos científicos de New York, em uma conferência que

realizou nesta cidade.

Disse que a bomba, uma monstruosidade da lógica, é diverso milhões de vezes mais poderosa do que a bomba atómica e que os Estados Unidos e a Rússia se podem destruir mutuamente em uma guerra de bombas de hidrogênio.

“O sol, disse ele, é na verdade uma enorme bomba de hidrogênio no espaço e nós criaremos na terra uma réplica em miniatura do sol.”

Incêndio com características de Sabotagem no Palácio da Guerra

Rio — Verificou-se um princípio de incêndio no arquivo da Sub-Diretoria de Fundos do Ministério da Guerra. O fogo chegou a distingui numerosos documentos. Embora ocorresse no Palácio da Guerra, e portanto dentro da alcada militar, foi solicitada a cooperação da perícia do Departamento Federal de Segurança Pública. Os peritos civis tem voltado ao local do sinistro, examinando o atentado, pois há suspeita de que se trate dum ato de sabotagem.

Credito para execução de parte do «Plano Salte»

Rio — O Tribunal de Contas aprovou o destaque da verba de um bilhão e 900 milhões de cruzeiros para a execução de parte do «Plano Salte», que já se acha aprovado. Dessa forma foram atribuídos 140 milhões de cruzeiros ao setor de Energia; 195 milhões ao setor de Saúde; e um bilhão e 335 milhões de

cruzeiros ao setor de Transportes.

Esta verba, destacada a título de crédito no orçamento geral da Utuia para 1950, vai ser distribuída pelas unidades da Federação através dos órgãos competentes, para sua imediata aplicação, de acordo com o establecido naquele Plano.

Foi instaurado inquérito.

A próxima reunião do comércio e da indústria em Blumenau

Escreve o «Diário da Tarde», de Florianópolis.

Sem sombra de dúvida, a programada concentração das forças econômicas de Santa Catarina se reveste de uma tão excepcional significância que não deve ter passado desapercebida mesmo aos espíritos menos previdentes.

Ha muito se fazia asejado esse congregamento das classes produtoras, porque à ninguém escapava a sua preponderância nos seus destinos, uma vez coordenadas e disciplinadas todas as suas energias, objetivando finalidades superiores.

Nem seria admissível, continuasse elas dispersas nas suas finalidades, e como que esquiva por interesses secundários e particularistas.

Há por sem dúvida um desenho

muidor comum a polarizá-las. Um objetivo que pode e deve ser alcançado, a participação efectiva das classes que formam as vigas mestras do nosso arcabouço econômico, na administração pública.

Claro que essa colaboração deve fazer sentir de modo indireto, mas, nem por isso de maneira menos real e objetiva, todas as vezes que se fizer mister demonstrá-la.

Assistiremos, do contrário, a estupor contatador, há pouco presenciado de uma grande e importante classe não ser absolutamente ouvida nos conciliabulos governamentais...

Precisamos, lamentavelmente, meia dúzia de indivíduos irresponsáveis, pretençosos e policiálicos, decidir dos destino

de uma população toda, sem sobrepuçar as razões valiosas e irretróqueis, expostas com plena isenção de ânimo por aqueles que justamente trabalham pelo engrandeecimento do Estado.

Verificaremos, estupefactos, rodas as vezes, a máquina governamental opor-se precisamente aos que lhe propõem meios inadiçôveis à sua manutenção. Observaremos a tola presunção, a cegueira, os interesses inconscientes, a versatilidade e o aventurismo se sobrepondo aos mais altos e nobres propósitos de colaboração e de esclarecimento das classes criadoras do nosso bem estar e progresso.

Certificaremos, lamentavelmente, meia dúzia de indivíduos irresponsáveis, pretençosos e policiálicos, decidir dos destinos

predispostos à integral satisfação de sua censuráveis e escusos objetivos.

Averiguaremos não passarem as classes conservadoras de um imponente gigante, um imenso corpo sem força, de uma formidável máquina inteiramente parada, uma locomotiva sem pressão, um organismo poderoso que não tem meios de fazer sentir o quanto vale.

Maior comparando, é como o boi que desconhece a força e a vitalidade de que é dotado...

Singularmente auspicioso o fatto de saber-se que a indústria e o comércio vão reunir-se para debater seus problemas, alguns deles cruciais, para trocar pontos de vista e, sobretudo, para delinear rumos e conquistar objetivos.

O «grande mudo» de até ago-

ra vai falar. E, falando, quer ser ouvido. E, sendo ouvido, pretende-se fazer stendido...

O drama doloroso de uma importante classe e nobre classe, dirigindo-se a algumas «múrias», que só se movem quando de longe se puxam alguns cordelzinhos da meia dnzia de «pausmandados», não se deve mais repetir.

Há que se encarar assumidos e sérios, intimamente interessados aos interesses coletivos, a exemplo do aumento do «Vendas e Consignações», com a máxima seriedade.

A sua vez, o Legislativo Estadual subjugado por uma maioria inconsciente, não pode, como aconteceu naquele caso, impunemente fazer ouvidos moucos aos apelos que lhe foram

presentes.

Ademais, afim de que os homens de governo não façam da coisa pública um meio de satisfação de apetites e interesses próprios, e mais, para que se cingam ao espírito e à letva da Constituição e das Determinações legais, urge se movimentarem as classes conservadoras para colcar um paradeiro a esse desolabro e essa desordem, essa pasmaceixa, à prepotência, à iniciação, à incapacidade — conveicionalmente denominada de administração catarinense!

Já é tempo de mostrarem o quanto valem e o quanto podem.

Seria verdadeiramente uma indignidade se as classes produtoras de Santa Catarina assistissem o desmantelo do nosso Estado, de braços cruzados!

